



General do mato a quem o inimigo chamava o capitão do quadrado

Episódios do 25 de Novembro e criação das Forças Armadas angolanas dominam obra sobre o tenente-general Tomé Pinto

Diário de Notícias 8 Apr 2016

Dezenas de antigos combatentes juntaram-se ontem em torno do tenente-general Tomé Pinto, comandante de muitos deles durante a guerra colonial, para participarem no lançamento da sua biografia.

O Capitão do Quadrado, como era conhecido pelos adversários do PAIGC nas matas da Guiné, corresponde a um projeto iniciado há três anos que cruza a vida de Alípio Tomé Pinto com episódios da história recente de Portugal e, em especial, de Angola – onde o militar oriundo de Trás-os-Montes lança na terça-feira o livro escrito pela jornalista Sarah Adamopoulos.

Conhecido também como “general sem medo”, como diz no livro, Tomé Pinto integrou o primeiro grande contingente de tropas a chegar a Angola em 1961 e foi ferido duas vezes em combate com gravidade (a segunda na Guiné).

Na cerimónia de lançamento realizada na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, Tomé Pinto fez questão de “homenagear os que lutaram por ideais” ao seu lado e sob o seu comando, os que serviram consigo à frente da GNR ou os que colaboraram no processo de edificação das Forças Armadas angolanas no pós-acordos de Bicesse.

“Procurei privilegiar princípios e valores”, disse Tomé Pinto, insistindo em elogiar os que se “esqueceram de si próprios para servir Portugal” – a muitos dos quais se referiu pelo nome.

Tomé Pinto “foi um ícone para a geração de milicianos” que serviram com quem é hoje “conhecido como o Mais Velho” por antigos e atuais chefes militares de Angola e da Guiné-Bissau, disse por sua vez o presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, José Alarcão Troni.

Entre os muitos presentes, destaque para o embaixador de Angola em Portugal, José Marcos Barrica, os antigos ministros Fernando Nogueira (Defesa) e Ângelo Correia (Administração InterSe o almirante Vieira Matias e os generais Rocha Vieira, Chito Rodrigues, Garcia Leandro e Pinto Ramalho, ou vários oficiais da GNR.

Prefaciado pelo general Ramalho Eanes, O Capitão do Quadrado traça o percurso de vida de Alípio Tomé Pinto – promovido com 45 anos ao posto de general, por distinção – desde as origens transmontanas à atualidade, passando pela sua participação na Guerra Colonial, a sua intervenção nos acontecimentos do 25 de Novembro, o envolvimento direto no processo de paz em Angola e os choques (judiciais) com o Exército.

Sarah Adamopoulos disse ao DN que as centenas de horas de diálogo com Tomé Pinto lhe per-



Alípio Tomé Pinto foi promovido ao posto de general com 45 anos por distinção

mitiu perceber que o general “não era um militar qualquer e que a história dele se cruzava com assuntos que têm interessado a [sua] escrita: o 25 de Novembro, as relações de Portugal com os países africanos lusófonos e a história do século XX”.

Esse diálogo entre biógrafa e biografado, adiantou a jornalista, colocou frente a frente pessoas de “gerações diferentes, perceções e

vivências diferentes, posições ideológicas diferentes”. “Houve um confronto no bom sentido, muito enriquecedor” e com “maneiras diferentes de olhar para a história”, observou a Sarah Adamopoulos.

“Não me pus na posição de enaltecer” a figura de Tomé Pinto, explicou a autora, mostrando-se “chocada com o desinteresse da edição profissional e da sociedade em geral” pelo período da história colonial.

“Vivemos tempos que inibem um debate fundamental sobre a natureza africana dos portugueses, que considero muito mais africanos do que europeus”, referiu ainda Sarah Adamopoulos. MANUEL CARLOS FREIRE